

Amazônia sofre com violência e falta de opções para jovens

Ambiente Grupo busca diagnosticar, analisar e buscar caminhos para crises que se sobrepõem na região

Mistérios da Amazônia são foco de projeto de desenvolvimento

Daniela Chiaretti
De São Paulo

A Amazônia vive uma armadilha: os elementos que refletem o fracasso de sua ocupação desestruturada são também a chave das soluções para o território. A maior região do país revela alguns dos piores índices sociais e as mais altas taxas de violência ao mesmo tempo em que tem bônus demográfico, terras abertas com enorme potencial e floresta — três frentes de desenvolvimento, bem-estar e riqueza. O paradoxo amazônico é que seu grande número de jovens sofre sem opções econômicas, 90% das áreas desmatadas são improdutivas e a floresta só tem valor no chão. Apesar de suas riquezas, a Amazônia tem sérios problemas de pobreza.

O diagnóstico das dificuldades é tão complexo quanto a dimensão da área. A Amazônia ocupa 60% do território nacional mas tem 13% da população. Responde por apenas 8% do PIB nacional e emite mais de 40% dos gases-estufa. É uma economia muito poluente: emite pouco carbono e gera pouca riqueza.

Diagnosticar, analisar e buscar caminhos para as três crises que se sobrepõem na Amazônia brasileira — social, ambiental e econômica — são o foco de um ambicioso projeto de desenvolvimento socioeconômico da região. O "Amazônia 2030" iniciou há dois anos, já concluiu 39 dos 50 estudos encomendados e envolveu 60 pesquisadores de universidades da Amazônia, da FGV, do Insper, PUC-Rio e outras instituições do país. Considerado como um dos mais amplos e profundos diagnósticos da Amazônia já feito é financiado pelo Instituto Clima e Sociedade.

Uma síntese dos resultados será apresentada esta semana em evento na Universidade de Princeton, nos Estados Unidos, para um público de cem pessoas, sendo 70 brasileiros. Estarão na plateia ou

no palco nomes como Tasso Azevedo (MapBiomas), Suely Araújo (Observatório do Clima), Arnildo Fraga (Góvea), Guilherme Leal (Natura), Mircia Castro (Harvard), João Moreira Salles (Institutos Serapilheira e Moreira Salles), Ibona Szabó (Igarapé), Sérgio Rial (Santander), Cândido Bracher (conselheiros de administração do Itaú Unibanco e Mastercard), Roberto Waack (Uma Concertação pela Amazônia) líderes indígenas como Ixai Suná e Juma Xipaia entre outros nomes ligados à Amazônia.

A varredura de lacunas de conhecimento sobre a região e propostas de soluções do projeto pretendem, também, informar o debate eleitoral. "Este é o nosso ponto de chegada: ter um conjunto de caminhos concretos para as eleições deste ano, tanto presidencial quanto a de governos de Estado, chamando a atenção para a importância da Amazônia", diz o economista Juliano Assunção, um dos coordenadores do "Amazônia 2030".

"Tudo o que se pensa sobre o Brasil é diferente na Amazônia. É como se fossem dois países, com realidades sociais, ambientais e econômicas muito diferentes", diz engenheiro agrônomo Adalberto Veríssimo, pesquisador associado e co-fundador do Imazon, um dos principais centros de pesquisa e ação estratégica da Amazônia e o outro coordenador do "Amazônia 2030".

"A Amazônia experimenta um bônus demográfico. A região tem muitos jovens enquanto o resto do país está envelhecendo. Juventude é caminho para se conseguir crescimento econômico, pelo menos a chance é boa", resume Veríssimo. Ocorre que o dinamismo do mercado de trabalho é muito mais precário na região Norte. "Os jovens encontram ambiente de trabalho difícil, com baixa qualidade e muita gente na informalidade. Há um desalento enorme", resume.

O desmatamento histórico da Amazônia não tem resultado em emprego e oportunidades para os jovens. Nos nove Estados da Amazônia Legal, quem tem entre 18 e 24 anos de idade encontra muito mais dificuldade para entrar no mercado de trabalho do que no resto do país. Nesta faixa etária, 42% dos jovens estão desempregados na Amazônia. O percentual no resto do Brasil é de 29%.

"Entre os jovens, na Amazônia, há desânimo", disse ao Valor Gustavo Gonzaga, professor da PUC-Rio, especialista em economia do trabalho e autor do estudo, na época de seu lançamento. "Há um conceito, em economia de trabalho, que se chama efeito cicatriz", disse o especialista. São pessoas que começam a carreira, não conseguem se engajar no mercado de trabalho e desanimam. "Esse desânimo faz com que comecem a se envolver com o tráfico, com o crime, tem implicações sobre a saúde, casos de depressão".

"Se o bônus demográfico tem seu lado positivo, não conseguimos aproveitar. A Amazônia é a região mais violenta do Brasil", registra Assunção, que também é professor associado da PUC-Rio e diretor no Brasil do think-tank Climate Policy Initiative (CPI).

"Uma agenda importante e evidente para o desenvolvimento da região é dos jovens. É preciso aproveitar este bônus demográfico que hoje virou uma espécie de ônus", diz Veríssimo. A violência na região, que tinha índices relativamente baixos até o início dos anos 2000, começou a crescer e explodiu com o ambiente de ilícitos como grilagem de terras, extração ilegal de ouro e madeira e tráfico de drogas. O território imenso e a pouca presença do Estado ajudou a disseminar conflitos.

A taxa de homicídio na Amazônia em 1999 era cerca de 70% dos índices do resto do país. Hoje é 60% maior do que ocorre no resto do Brasil. Dados do estudo do economista Rodrigo Soares mostram que a diferença das taxas de homicídio entre a Amazônia e o resto do Brasil eram de 12.610 homicídios a mais na região entre 1999 e 2019, em municípios com menos de 100 mil habitantes. "Esta trajetória ascendente da violência na Amazônia não revela nenhuma possibilidade de arrefecimento neste momento", reconhece Assunção.

O estoque de terras abertas e improdutivas é outro gargalo para o desenvolvimento da Amazônia. Dos 83 milhões de hectares já desmatados na região, cerca de 70 milhões de hectares são subaproveitados ou totalmente abandonados. "Só 10% têm boa produtividade. É triste muita coisa para recuperar", diz Veríssimo, que calcula este estoque de terras em algo equivalente à área somada dos Estados de Minas Gerais e do Paraná. "É uma falácia dizer que precisa abrir mais áreas de floresta para produzir alimentos. O que é preciso é recuperar o que se perdeu", resume.

Nas áreas de florestas perdidas há espaço para silvicultura, projetos da indústria de papel e celulose, plantios de floresta nativa e de sistemas agroflorestais, espaço para melhorar a pecuária e a produção de grãos, área para cultivo de dendê. "É ainda sobre. Isso quer dizer crescer sem desmatar", diz Veríssimo. Veríssimo reconhece que o ambiente fundiário é um nó que precisa ser desfeito e diz que o Congresso não pode complicar mais o quadro. "O direito de propriedade é importante no ordenamento jurídico do território", continua. Na Amazônia, dois terços das terras estão na mão dos governos federal e estaduais e um terço pertence a privados. Ao menos 30% das terras são áreas não designadas. São terras



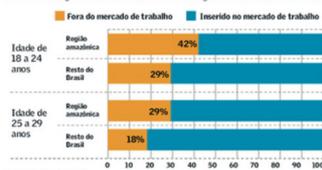
Assunção: "Nosso ponto de chegada é ter um conjunto de propostas concretas para a Amazônia no debate eleitoral"



Beto Veríssimo: "Tudo o que se pensa sobre o Brasil é diferente na Amazônia. É como se fossem dois países distintos"

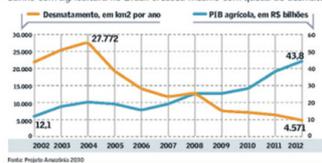
Pouca esperança

Jovens da região amazônica estão mais longe do mercado de trabalho



Sem relação

Ganho com agricultura no Brasil cresceu mesmo com queda do desmatamento



Chegada do crime organizado

Falta de opções e desigualdade abrem espaço para a violência



públicas, nem sempre cobertas por florestas, já com muita área desmatada. "A indefinição é um prato feito para o avanço que se dá sobre os territórios. Portanto, o papel do Estado brasileiro, principalmente federal, é importante", continua. "O setor privado não tem como equacionar isso", diz Veríssimo.

"Quando os governos ou o Congresso flexibilizam regras para que ocupantes recentes e que desmataram consigam ter título da terra, ocorre um incentivo enorme para mais avanço sobre as florestas. O que se piora é o direito à propriedade em vez de se incentivar o bom uso da terra", resume Veríssimo.

Há um terceiro elemento fundamental no mosaico de opções de desenvolvimento para a Amazônia — os milhões de hectares de floresta. "O problema é que ainda não aprendemos a ganhar dinheiro com a floresta, que não é um vazão econômico. Não realizamos o seu potencial porque não a olhamos como um recurso estratégico que coloca o Brasil na vanguarda econômica global", segue. "Fizemos muita coisa errada no passado e agora nossa tarefa é aproveitar muito bem estas áreas".

Na Amazônia a população é pequena para o tamanho da região. "A estratégia de desenvolvimento da Amazônia tem que ser uma política de Estado coerente e consistente. É uma tarefa intrasferível do Estado que tem que criar um ambiente de lei e ordenar o território", segue Veríssimo. "Não temos 30 ou 50 anos de folga para ter visões de como desenvolver a região. Não vamos conseguir conservar a floresta se a região continuar na pobreza e contaminada pela ilegalidade", segue.

O "Amazônia 2030" não traz vários caminhos para desenvolver a região. A ilegalidade desestimula investimentos na Amazônia. Desenvolver uma economia agroflorestal é uma oportunidade enorme, recomendam os pesquisadores, e diminui a pressão na floresta. Outro estudo aponta para a necessidade de infraestrutura na região. "A Amazônia precisa de infraestrutura, mas que não aumente o desmatamento", diz Assunção.

Outra agenda a ser estimulada é a economia de base digital. A região está muito atrasada em relação à telefonia de banda larga. "Colocar banda larga de qualida-

de permitiria ao jovem, que está desconectado do mercado de trabalho local, ser, por exemplo, programador. Poderia buscar outro espaço econômico não relacionado ao seu entorno físico", sugere Veríssimo.

Melhorar o ambiente digital na região ajudaria também a dar melhor saúde a populações remotas, com sistemas de teleconsulta. O mesmo poderia acontecer com educação.

"O que é preciso entender é que desmatamento não é um fator de crescimento econômico da Amazônia e já não é há muito tempo", diz Veríssimo.

Junto com Assunção, Veríssimo apresentará na quinta-feira um resumo dos estudos do projeto em Princeton. "Faremos uma apresentação dos resultados preliminares mostrando alguns caminhos para melhorar o desempenho socioeconômico e ambiental da Amazônia. Há novos desafios muito importantes", resume Juliano Assunção.

O evento, que será acontecer no campus de Princeton, em Nova Jersey, é organizado pelo Brazil Lab da Universidade de Princeton. Na quinta-feira terá transmissão a partir das 15h pelo canal do Brazil LAB no YouTube.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Especial **Caderno:** A **Página:** 14